



XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

A LEITURA LITERÁRIA NA PERSPECTIVA DA PÓS-GRADUAÇÃO: A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO EM DESTAQUE

THE LITERARY READING FROM THE POSTGRADUATE PERSPECTIVE: THE INFORMATION SCIENCE HIGHLIGHTED

Damaris de Queiroz Barreto – Universidade Federal do Ceará

Lidia Eugenia Cavalcante – Universidade Federal do Ceará

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Apresenta a leitura literária na perspectiva dos discentes dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação do Ceará. São eles, o Mestrado Acadêmico em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará (PPGCI/UFC) e o Mestrado Profissional em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (PPGB/UFGA). Busca entender as relações estabelecidas no percurso acadêmico entre os discentes e as práticas de leitura. A pesquisa é de natureza qualitativa e exploratória, apoiada no método dialético, baseando-se no entendimento de que a prática leitora está intrinsecamente ligada aos meandros sociais e culturais dos indivíduos em foco. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica como meio para desenvolver o aporte teórico que entrelaça essa temática. O instrumento de coleta de dados escolhido foi a entrevista semiestruturada, por proporcionar maior liberdade de expressão e flexibilidade ao entrevistado. A partir da investigação realizada, concluiu-se que o ingresso no ensino superior ocasiona progressivo afastamento das práticas de leitura literária, sendo suas fontes derivadas de diferentes vertentes, mas que partem de discursos comuns entre os discentes, especialmente com a justificativa da falta de tempo para esse tipo de leitura, ocasionado pela quantidade de leitura técnica e acadêmica exigida no mestrado, seja ele acadêmico ou profissional.

Palavras-Chave: Leitura literária; Ciência da Informação; Formação do leitor; Pós-Graduação.

Abstract: It presents the literary reading from the perspective of Information Science postgraduate students of Ceará, namely the Academic Master in Information Science of the Federal University of Ceará and the Professional Master in Library Science of the Federal University of Cariri. It seeks to understand the relationships established in the academic path between students and reading practices. The research method is qualitative, exploratory and dialectical, based on a reading comprehension that is intrinsically linked to the social and cultural space of the individuals in focus. It was used the bibliographic research as means to develop the theoretical contributions that linked this theme. The research instrument chosen was semi-structured interview because it provides greater freedom of expression and flexibility to the interviewee. From this research, it was concluded that the entry into higher education causes a progressive departure from the literary reading practices, and its sources are derived from different strands, but that come from common speeches among students, especially justifying the lack of time for this kind of reading, caused by the amount of technical and academic reading required in the master's degree, whether academic or professional.

Keywords: Literary reading; Information Science; Reader formation; Postgraduate studies.

1 INTRODUÇÃO

Discorrer sobre leitura nunca será uma ação simples. O motivo para tal afirmação está na consciência de que tratar sobre o assunto envolve também refletir, em algum nível, sobre aquele que lê, o que inclui, conseqüentemente, as diferentes comunidades às quais o leitor pertence e os diversos recortes que podem ser feitos sobre um mesmo universo. Em primeiro momento, a visão comum sobre leitura pode favorecer uma concepção rasa de sua real posição. O motivo para tal afirmação está na familiaridade que, sumariamente, temos sobre o assunto, afinal, vivemos em uma sociedade que se apoia na leitura e na escrita para desempenhar as mais diversas atividades.

As relações firmadas entre leitor e leitura são densas e enraizadas, por este motivo, sempre que tratamos da leitura, estamos nos debruçando, de algum modo, sobre as nossas próprias experiências, sobre os sentimentos que aquela leitura nos causou e nos modos como ela afetará as futuras vivências. Essa “memória literária” é formada a partir do contato com universos, por vezes, nunca antes concebidos, por exemplo, imaginando como seria viver na primeira década do século XX nos Estados Unidos, como Celie, personagem de *A Cor Púrpura*¹, ou mesmo na possibilidade de uma sociedade em que os livros são proibidos e queimados, como na distopia *Fahrenheit 451*².

Quando nos voltamos para sua aplicação científica, os estudos sobre leitura são muitos e permeiam diferentes campos do saber, dada a sua natureza interdisciplinar. Com isso, muito se fala a respeito da importância do ato de ler para o desenvolvimento de competências que percorrem desde habilidades cognitivas, no âmbito de um melhor uso da escrita e da leitura, até aquelas que estão na seara das relações sociais. Contudo, mesmo a leitura sendo legitimada como atividade essencial para o desenvolvimento dos sujeitos, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil³, que se ocupa desde 2001 em fazer uma análise da situação da leitura em âmbito nacional, e teve sua última edição publicada em 2016, demonstra a partir de diversos coeficientes o baixo índice de leitura dos brasileiros, com crescimentos ainda tímidos, se comparados a outros países.

¹ O romance escrito por Alice Walker foi publicado originalmente em 1982 e tem como pano de fundo a discriminação sexual e racial no sul dos Estados Unidos. (WALKER, 2009)

² Romance distópico escrito por Ray Bradbury que apresenta um futuro onde os livros são proibidos e, portanto, queimados. (BRADBURY, 2012)

³ A pesquisa realizada atualmente pelo Instituto Pós-Livro foi lançada pela primeira vez em 2001 e possui como objetivo principal a avaliação do comportamento leitor brasileiro com vista a estimular estudos e ações que possibilitem uma maior aproximação entre o público brasileiro e as práticas de leitura. Saiba mais em: <http://prolivro.org.br/home/>.

A leitura, como presumimos, pode se fazer perceber através de múltiplas formas. Entretanto, quando se fala sobre leitura, tomando como foco o ambiente universitário, nos vemos dentro de um espaço que mantém estreitos laços com essas práticas. Afinal, a disseminação e o desenvolvimento da informação e do conhecimento estão entrelaçados aos modos como são significados, sendo evidente que os estudantes universitários estão em um ambiente que promove a leitura como importante competência. Além disso, também é interessante saber a posição que a leitura realizada como atividade recreativa mantém nesse segmento.

Nessa perspectiva, esta pesquisa concentra-se, portanto, em compreender o papel que a leitura literária desempenha no cotidiano dos discentes dos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação do Ceará⁴, principalmente quando os sujeitos em questão fazem parte de um recorte letrado da sociedade e estão inseridos em um ambiente que possui o ato de ler como importante ferramenta de disseminação de informação e de conhecimento. O conceito de leitura aqui empregado, é a partir do entendimento apresentado no glossário do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE/UFMG) como “quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa”⁵. Vale ressaltar que se trata de um recorte de pesquisa de mestrado realizado em um programa de pós-graduação em Ciência da Informação (CI).

2 LEITURA LITERÁRIA, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E UNIVERSIDADE

Apesar de sabermos que a leitura está presente em todos os espaços, como mencionado anteriormente, nesta seção introduzimos uma faceta que nem sempre é abordada quando trazemos o recorte do contexto da CI ou da universidade: a leitura em seu caráter literário. Isso porque quando nos referimos à leitura dentro desses ambientes, estamos normalmente falando de uma prática que se limita aos textos científicos, evidenciando, muitas vezes, um modelo cartesiano de utilização da ação leitora e,

⁴ Foram escolhidos dois programas de pós-graduação, de acordo com o site da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB): Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará – Mestrado acadêmico e Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri – Mestrado profissional.

⁵ Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-literaria>>.

consequentemente, de seus resultados. Tais usos, de tão regularizados, tornam-se institivamente associados nos ambientes em que estão inseridos com maior visibilidade.

Isso contribui para que, à medida que se insere no ensino superior, o discente suprima as práticas de leitura que estão incorporadas em uma perspectiva hedônica do ato (BARRETO; CAVALCANTE, 2016). Obviamente, isso não é produto apenas do ingresso na universidade, mas não podemos negar que o espaço acadêmico não figura como um lugar atrativo para o desenvolvimento da prática literária na maioria dos cursos, mesmo na perspectiva da CI.

2.1 Abordagens da leitura literária na Ciência da Informação

Inicialmente, é interessante mencionar que a leitura é assunto comumente tratado na Biblioteconomia. É possível, com fluidez transitar sobre a temática de modo a compreender a sua importância em bibliotecas escolares, públicas e comunitárias; falar sobre o incentivo à leitura nas mais diversas faixas etárias ou estabelecer estudos que contemplem seus usos em numerosos ambientes e situações. Esse debate acaba encolhendo quando nos referimos à leitura literária na Ciência da Informação, afinal, tal assunto parece não se inserir no “núcleo duro” das preocupações da Ciência da Informação (ALMEIDA, 2012, p. 92) ou, como exemplifica Barbosa (2009, p. 78), há ainda o questionamento sobre “no que esta [leitura] pode subsidiar, com suas realizações calcadas no imaginário, na estética e no tratamento especial que ela dá à linguagem, os fundamentos e as ações da Ciência da Informação”.

Aparentemente, unir leitura, principalmente aquela feita por prazer, com informação pode parecer um tanto quanto desconexo. Afinal, na CI, existe a tradicional abordagem da informação como meio para se alcançar os desenvolvimentos científico e tecnológico, ou seja, um olhar apurado para os fenômenos informacionais a partir da frenética perspectiva da pós-modernidade. Almeida Júnior e Bortolin (2008, p.9) afirmam que “a Ciência da Informação é hegemonicamente entendida como voltada apenas para as informações científicas e tecnológicas. A informação cultural, por exemplo, não é objeto dessa ciência, como também não o é a leitura”.

Todavia, ao aprofundar o tema, deparamo-nos com os estudos sociais que permeiam a CI, defendidos precedentemente por Shera (1977), mas também presentes nos estudos de Capurro (2003), Hjørland (2002) e Frohmann (2008). Segundo tal perspectiva, a CI torna-se,

com o passar do tempo, alicerçada em proposições que compreendem o valor social da informação em um espaço social. De acordo com Capurro e Hjørland (2007, p. 192), “a informação é um conceito subjetivo, mas não fundamentalmente em um sentido individual. Os critérios sobre o que conta como informação são formulados por processos socioculturais e científicos”. Os dois contrapontos citados nos fazem pensar sobre as relações que estão concatenadas entre teoria e prática, e sobre como a CI se desenvolveu de fato, sendo relevante mencionar a presença, cada vez mais latente, de discussões sobre a temática na área.

Ao admitirmos a informação como objeto de estudo da CI, ou até mesmo a mediação da informação, como defende Almeida Júnior (2009), estamos inserindo também a leitura nesse grande e complexo campo de pesquisa, muitas vezes evidenciada apenas em seu aspecto formal, ou seja, como forma de decodificar e compreender uma dada mensagem. Nesse sentido, se imaginarmos a complexidade dos processos em que a informação está inserida, e, por sua vez, a conexão existente e necessária que é realizada a partir da apropriação dessa informação, compreenderemos que a leitura é o meio potencial pelo qual será possível efetivar tais ações. Almeida Júnior (2007, p. 35) assinala que,

O objeto da ciência da informação e da biblioteconomia, a informação a partir do exposto, só pode se realizar, fazer-se presente, concretizar-se, com base e fazendo uso da leitura. Sem ela, todas as ações realizadas nos espaços informacionais são inúteis e desprovidas de sentido, pois a informação deixa de ser apropriada.

Conceber a leitura de maneira sistemática, anula várias questões de relevância que poderiam ser tratadas a partir da visão da CI, dentre elas: as relações informacionais contidas no ato de ler, aqui, especificamente, focando a leitura por prazer. Almeida (2012, p. 92) evidencia que “toda literatura situa o leitor num sistema de informações sobre o mundo ao qual a obra literária se refere, mas também sobre o próprio universo literário no qual ela se inscreve: seu pertencimento a um gênero, sua apreciação crítica, sua influência”.

Entretanto, devemos frisar que o princípio fundamental da leitura literária não está na apreensão de informação, uma vez que essa ocorrência é involuntária, pois como defende Dumont (2002, p. 3), “quando se lê um romance, ou mesmo um ensaio, um jornal ou revista, o motivo é muito mais a experiência e o prazer que a leitura proporciona do que a busca de informação”, apesar disso, a presença do objetivo inicial não invalida as consequências secundárias advindas da consumação de um determinado ato, no caso

especificado, da leitura. Sob a perspectiva de Cavalcante, Bortolin e Belluzzo (2013, p. 72), “por meio da literatura o receptor da informação já não exerce mais o papel passivo perante as mensagens com as quais se relaciona, seja em qual formato ela se apresentar”. Essa multiplicidade informacional, contida em textos literários, muitas vezes não é levada em consideração no contexto da CI e, conseqüentemente, os reflexos e as relações que são estabelecidas no âmbito leitor/obra, também não são evidenciados.

2.2 Práticas de leitura na universidade: ler por prazer

Mesmo em contexto universitário, no qual subtende-se um nível educacional relativamente equivalente entre os sujeitos, as realidades individuais que foram construídas estão intrinsecamente relacionadas com as experiências culturais e sociais de cada um. Nesse sentido, não é possível afirmar que os estudantes ali inseridos possuem uma prática de leitura literária latente, mesmo se utilizando da leitura cotidianamente. Assim sendo, é inviável promover tais práticas se o indivíduo não for considerado a partir de suas diferentes facetas de construção. Esse contexto será determinante no ato de aproximar texto e leitor. Segundo Pinheiro (2011, p. 45), “para que a leitura seja inserida como forma de aproveitar o tempo livre, ou seja, para que seja vista como lazer, faz-se necessário que o indivíduo se torne um leitor, e esse processo, como vimos, exige esforço e dedicação”.

Inicialmente, como panorama geral, é pertinente falar de uma “crise” no que concerne à leitura uma vez que,

A formatação desta sociedade pode, muitas vezes, colaborar para um distanciamento do leitor com a leitura, vista como um elemento da arte e da cultura, não porque ele (nosso potencial leitor) não a veja como importante, mas porque enredado pela vida social capitalista não se deixa (ou não o deixa) envolver-se, implicar-se com essa prática. (AURORA NETA, 2016, p. 97).

De certo modo, esse panorama irá influenciar sobremaneira as concepções vindouras sobre o tema, não apenas em uma configuração localizada, mas como a visão comumente associada ao assunto, refletindo, portanto, nos diversos espaços em que ela se encontra. De acordo com Dumont (2007), podemos identificar duas motivações básicas para a leitura: a primeira está relacionada à investigação, isto é, como forma de suprir uma demanda exigida normalmente no ambiente profissional, escolar ou acadêmico. Já a segunda rompe os limites da obrigação e estabelece-se no âmbito do prazer e das experiências que são desencadeadas

ao se ler um texto. Dentre as duas, é notável a relevância da primeira no ambiente acadêmico como um todo, uma vez que independente da área de estudo, o acadêmico deverá realizar leituras objetivando assimilar conhecimentos. Sob esse prisma, Chartier (2001, p. 40) defende que “quando se estabelece no mundo das escolas, das universidades, a leitura se torna uma prática intelectual. É talvez a fundação de nosso mundo, nesse sentido [...]”.

Quando enfatizamos a segunda motivação de leitura, aquela realizada por prazer, somos direcionados a uma realidade um tanto quanto desanimadora. Em estudo realizado por Barreto e Cavalcante (2016), no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, foi possível notar o distanciamento gradativo entre os alunos que ingressavam no ensino superior e as práticas de leitura literária. As causas para determinado resultado derivam de múltiplos fatores, dentre eles, podemos citar como os mais relevantes, a falta de tempo e a alta demanda de leituras acadêmicas, que acabam por desestimular a leitura por prazer.

Ao ingressar na universidade, percebe-se que os estudantes passam a considerar e consumir a informação de modo diferente. Afinal, o que antes era visto como uma forma de lazer, atividade massificante na escola ou até mesmo algo sem uma utilidade aparente, torna-se condição indispensável para novas descobertas e pensamentos, bem como para a construção do conhecimento científico. (BARRETO; CAVALCANTE, 2016, p. 7)

É inegável a presença latente da leitura no cenário universitário, contudo, estamos falando de uma leitura prioritariamente científica, que tem por objetivo principal inserir o leitor em um determinado contexto informacional e profissional. Por mais que sejam frequentes, essas práticas não estabelecem vínculos que colocam o sujeito, e todas as subjetividades provenientes dele em pauta.

Ao adentrar nessa perspectiva de abordagem, também se coloca em pauta os motivos que fazem da leitura literária importante em um cenário acadêmico. Partindo de uma concepção geral, Ponte (2007, p. 12) destaca que “o desafio da educação é o de recuperar o equilíbrio humano, individual e social, permitindo que os ideais do passado se concretizem de uma maneira criativa e progressista”. Ora, partindo desse princípio existente na educação, são necessários meios que provoquem uma mudança não apenas no indivíduo, mas no corpo social em que ele está inserido. Conseqüentemente, a leitura literária, quando admitida e exercitada, promove tais respostas. Petit (2009, p. 148) vai mais longe quando diz

que “[...] quando nos entregamos a ela [leitura] sem muita vigilância, pode ser uma máquina de guerra contra totalitarismos e, mais ainda, contra sistemas rígidos de compreensão do mundo, contra todos aqueles que querem nos imobilizar”. Afinal de contas, quando estabelecida em um contexto, a leitura não atinge, em primeira instância, apenas o sujeito leitor, mas também o ambiente em que ele está inserido.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Tendo em vista as relações entre os estudantes dos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação do Ceará e a leitura literária, principalmente aquela realizada como atividade de entretenimento é que esta investigação se realiza. O objeto de estudo da referida pesquisa volta-se para as complexidades e subjetividades que acompanham o tema diretamente. Inicialmente, foi realizada pesquisa bibliográfica que, segundo Bentes Pinto e Cavalcante (2015, p. 17) “constitui um conjunto metodológico de técnicas para se buscar informações e conhecimentos registrados (análogos ou digitais), concernentes a um domínio particular para atender a uma necessidade específica”.

Quanto aos objetivos, a pesquisa tem atributos exploratórios e o método escolhido para direcionar o estudo foi o dialético, justificado pela necessidade de se propor uma abordagem que vise mais do que ter respostas concretas a partir de um recorte temático. Pensando, dessa forma, nas diversas relações que são estabelecidas entre os sujeitos destacados e o objeto analisado, ou melhor, “um esforço para perceber as relações reais (sociais e históricas) por entre as formas estranhadas em que se apresentam os fenômenos” (ZAGO, 2013, p. 114). Essa natureza, também dialética, dos temas percorridos na pesquisa orientou a escolha do método para que pudessem ser aproveitadas ao máximo as potencialidades de acordo com o objetivo proposto, não sendo menosprezadas as demais possibilidades, mas escolhendo aquela que mais contribuiria para a construção científica em questão. Diante das características do trabalho, optamos por utilizar a entrevista em sua ordem semiestruturada como instrumento de coleta por possibilitar maior amplitude. Assim, três perguntas foram realizadas no decorrer da entrevista de modo flexível, viabilizando ao entrevistado maior liberdade de manifestação, a saber: 1. Você se considera leitor?; 2. Durante a sua vida acadêmica você encontra tempo para a leitura literária?; 3. Você percebe/identifica algum incentivo ou ação mediacional da leitura nas disciplinas cursadas no mestrado?

Dois cenários foram escolhidos para o estudo empírico: o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará (PPGCI/UFC) e o Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (PPGB/UFCA). Os programas ainda são recentes em suas respectivas universidades, ambos iniciados em 2016, mas já contam com visibilidade na área da CI e Biblioteconomia brasileira. Ambos se localizam no estado do Ceará, o primeiro na capital, Fortaleza, e o segundo em Juazeiro do Norte, região sul do estado.

De acordo com as informações contidas no site⁶, o PPGCI/UFC é um mestrado acadêmico e tem como objetivo “formar profissionais qualificados para o exercício de atividades de pesquisa e/ou desempenhar funções de ensino no magistério superior [...]”. O programa conta com uma área de concentração: *Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento*, e duas linhas de pesquisa: 1) *Representação da Informação e do Conhecimento e Tecnologia* e 2) *Mediação e Gestão da Informação e do Conhecimento*.

O PPGB/UFCA é qualificado como mestrado profissional e, por sua vez, conta conforme o site⁷ com a missão de “formar e capacitar o profissional da informação, especificamente o bibliotecário, quanto ao desenvolvimento gerencial de bibliotecas e outros ambientes informacionais, no que diz respeito ao desempenho e domínio das técnicas relativas à gestão, representação e recuperação da informação”. O mestrado possui uma área de concentração: *Biblioteconomia na sociedade contemporânea*, e duas linhas de pesquisa: 1) *Informação, Cultura e Memória* e 2) *Produção, Comunicação e Uso da Informação*.

No que tange à amostragem e visando garantir a integridade da pesquisa qualitativa, principalmente dadas as especificidades dos sujeitos, decidimos trabalhar com 20% (vinte por cento) do público ao qual a pesquisa se ocupa, ou seja, dos discentes matriculados em ambos os cursos. Isso significa que as entrevistas foram realizadas com 6 (seis) alunos do PPGCI/UFC e 12 (doze) alunos do PPGB/UFCA.

4 LEITURA E LEITOR EM PERSPECTIVA NA PÓS-GRADUAÇÃO: algumas ponderações obtidas nos resultados da pesquisa

⁶ Disponível em: <<http://www.ppgci.ufc.br/pagina-exemplo/>>.

⁷ Disponível em: <<http://ppgb.ufca.edu.br/>>.

4.1 O entendimento dos sujeitos da pesquisa sobre o que é ser leitor

“Você se considera leitor?”

O entendimento sobre, de fato, o que seria um leitor pode partir de diferentes concepções, sujeitando-se principalmente ao tipo de leitura ao qual estamos nos referindo. De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 4, o leitor é “aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses.” (FAILLA, 2016), já o não leitor, nas considerações da mesma pesquisa, “é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses” (FAILLA, 2016). Tomamos as conceituações como forma de estabelecer significação comum para os dois termos a fim de evitar qualquer imprecisão, trazendo, todavia, a leitura em seu caráter literário como base.

Tendo em vista as conceituações anteriores, é possível presumir que todo o universo pesquisado é composto por leitores, afinal, são discentes de programas de pós-graduação que estão, em vista disso, constantemente em contato com textos científicos. Ao mesmo tempo, eis o seguinte questionamento: os indivíduos pesquisados continuam considerando-se leitores na medida em que essa leitura está voltada para obras literárias?

A pertinência da questão figura no entendimento do significado de ser leitor para além do seu emprego utilitário ou acadêmico, portanto, a pergunta foi desenvolvida com o intuito de compreender como os sujeitos da pesquisa se percebem dentro desse domínio da leitura e da prática leitora, e isso implica em uma reflexão sobre o que é ser leitor e a sua identidade reafirmada a partir do seu seio social (PONTE, 2007).

No que compete às respostas⁸, em primeiro momento, um fato chama a atenção: mais de 90% dos sujeitos entrevistados se consideram leitores, alguns de modo mais enfático, outros mais retraídos. A partir dos entremeios explicitados nos discursos podemos perceber as nuances que compõem tais percepções e que são decisivas nas alegações. A Leitora 10, por exemplo, responde da seguinte maneira: *“Sim, considero. Eu me considero leitora devido ao consumo de livros anuais, né... Assim, dentro da média que sai a pesquisa da população brasileira, o consumo de livros. Eu acho que eu me considero uma leitora, na medida do possível”*. A pesquisa citada pela entrevistada trata-se da *Retratos da Leitura no Brasil* que, segundo a quarta edição, publicada em 2016, o brasileiro lê em média, 2,43 livros

⁸ Algumas respostas foram editadas por questão de clareza, mantendo, contudo, a integridade das opiniões suscitadas.

por ano, esse índice compreende não apenas as obras lidas de modo recreativo, mas também as leituras consideradas obrigatórias.

A Leitora 3, por sua vez, traz uma ideia sempre mencionada durante as entrevistas, e que será tratada com mais destaque adiante, refletindo e prenunciando o gradativo afastamento entre os discentes e a leitura literária. De acordo com as palavras da discente: *“Sim, eu acho que eu já fui mais, porque desde que eu entrei na graduação eu deixei um pouco mais as leituras literárias, mas eu ainda continuo lendo, não com a frequência com que eu lia, mas me considero leitora, sim”*.

No único caso em que a resposta foi negativa, podemos perceber que a compreensão sobre o que é ser leitor por parte do indivíduo também está diretamente ligada às práticas de leitura por prazer. É possível perceber isso uma vez que, apesar de ler com constância os textos acadêmicos, a Leitora 15 não se considera leitora ou não mais de modo tão contundente quanto antes, alegando que

Atualmente, sinceramente, eu não me considero mais uma leitora. [...] infelizmente, eu sou, entre aspas, uma leitora, mas [...] não é uma leitura prazerosa, é aquela leitura só mesmo para cumprir as questões da grade, redigir a dissertação e fazer os trabalhos. Mas, infelizmente, eu ainda não pude pegar em livros que realmente eu tenho interesse em ler e conseguir realizar realmente de fato a leitura prazerosa.

A compreensão do significado de ser leitor por parte dos sujeitos inclui expressivamente as leituras recreativas, ou seja, aquelas que estão associadas às experiências desencadeadas pelo ato de ler (DUMONT, 2002). Essa tipologia de leitura é conferida no decorrer das conversas como uma prática anterior ao ingresso na Universidade, inclusive, tendo a infância como o período em que começaram a se familiarizar com as obras. Como bem salienta a Leitora 4: *“Desde pequena eu tive incentivo dos meus pais a ler. Primeiro os quadrinhos, Turma da Mônica [...] e eu tive esse modelo na minha família”*. Como defende Freire (1984), seja na infância, adolescência ou vida adulta, a leitura é uma prática anterior ao ingresso acadêmico (e também anterior ao ato de ler uma obra literária) e a distância com tais atividades determina o modo como essas pessoas se significam dentro do contexto leitor e como significarão a leitura dentro do curso e das movimentações naturais cotidianas.

A construção de um sujeito leitor está, portanto, dentro de um conjunto de circunstâncias que se movimentam e se confrontam a todo momento, não sendo

direcionadas de forma isolada, mas a partir das dinâmicas que estão ao seu entorno (ROCCO, 1994). Obviamente, não podemos atribuí-la a apenas um fator, mas a título de conhecimento, percebemos que a primeira lei da dialética reflete muito bem tais prerrogativas, isso porque o modo como cada sujeito se entende dentro dessa perspectiva não é imutável, ou seja, as concepções são criadas, mas nunca dentro de um predeterminante estável, como uma constante evolução conceitual que a todo momento está em diálogo com o mundo externo.

4.2 O tempo para leitura recreativa na universidade

“Durante a sua vida acadêmica, você encontra tempo para a leitura literária?”

Como sempre reiterado durante a pesquisa, a leitura é uma atividade dinâmica, por esse motivo, os vínculos não podem ser concebidos estaticamente (ROCCO, 1994). Inicialmente, o ambiente acadêmico, apesar de estar envolto pela disseminação informacional e do conhecimento e, por esse motivo, inegavelmente acompanhado das mais diversas leituras, não tem a tradição de ser um ambiente que fomenta a leitura em seu aspecto literário, ou seja, estamos inseridos em um meio onde a leitura predomina, mas isso não significa que todos os tipos de leitura possuam terreno fértil para crescer e se desenvolver (BARRETO; CAVALCANTE, 2016). Sabendo disso, a pergunta foi traçada a fim de entender como os discentes admitem esse tipo de leitura, principalmente, tendo em conta o fator tempo e as contradições que estão ao redor do debate.

A pesquisa realizada com os alunos de graduação em Biblioteconomia da UFC por Barreto e Cavalcante (2016) já evocava a tendência em se distanciar das práticas recreativas de leitura a partir dos primeiros acessos ao ensino superior. Se em momento inicial isso se tornou um tanto quanto preocupante, o cenário observado nos dois programas de mestrado reforça esse movimento. Conforme a Leitora 1,

Eu acho que na graduação eu encontrava mais tempo para conseguir ler o que eu gostava. E era meio que uma terapia, né... você está tão sobrecarregado... agora no mestrado eu acho que eu tenho menos tempo, assim, porque o nível de leitura aumenta, mas leitura acadêmica. Então a leitura literária fica meio que de lado para quando a gente tiver um tempinho.

Na mesma linha, a Leitora 4 também confirma essa inclinação expondo que, apesar de ser um número maior de disciplinas, e isso pressupõe também um maior número de

trabalho, provas e seminários “*agora, no mestrado, eu acho que eu estou sentindo mais uma pressão para escrever o projeto de dissertação e eu deixei a leitura literária com menor frequência*”. Na realidade, percebemos que o que existe é uma mudança de intensidade. É evidente que na graduação existe cobrança, entretanto, as responsabilidades exigidas em um programa de pós-graduação, de acordo com os entrevistados, abrangem motores de maior expressividade, como a responsabilidade de apresentar resultados expressivos em um menor período.

Outro episódio significativo para o presente estudo é a utilização de textos literários como fonte de pesquisa para a construção de trabalhos acadêmicos. Na realidade, estamos frente a uma aplicação utilitária das práticas leitoras, fato explícito, mas não inédito, visto que as leituras realizadas ao longo da vida também influenciam de maneira pessoal. De fato, o que existe é a utilização consciente da atividade. Como ilustra a Leitora 9:

Eu acabo priorizando as coisas que eu quero ler. Então, se antes eu ia pegando esses livros literários meio aleatoriamente, agora eu tenho quase que uma hierarquia. [...] Isso tem acontecido muito, e aí eu levo em consideração “n” coisas: indicações de pessoas, o tema do livro, às vezes até se tem um bibliotecário na história. Eu terminei de ler um ano passado que tinha uma bibliotecária de referência e eu estou pesquisando o serviço de referência, então, eu quero ler para ver qual é o perfil dessa bibliotecária.

Na contramão do que foi dito nos trechos anteriores, a Leitora 11 assegura a constância quando alega: “*Encontro. Eu tento separar os finais de semana para ler o que eu quero ler. Tipo, eu começo a ler um livro e termino no outro final de semana e assim a cada dois meses eu consigo ler algum livro [...]*”. No entanto, podemos certificar com tranquilidade que grande parte dos discentes participantes da pesquisa valida a dificuldade em manter práticas de leitura literária, conferindo à uma minoria a capacidade de permanecer lendo sem nenhum entrave.

Utilizando-se dessas informações, consideramos legítimo fazer um paralelo entre três momentos distintos que compreendem a trajetória acadêmica. Isso se deu a partir do questionamento sobre as possíveis mudanças levando em consideração os seguintes períodos: anterior à universidade, sendo representado pelo ensino básico; durante a graduação e, finalmente, a partir do ingresso nos programas de mestrado. As respostas em seu total indicaram mudanças, tanto nos aspectos referentes ao tempo dedicado a esse tipo de leitura quanto às preferências literárias, confirmando que “o universo do leitor é

continuamente transformado pela multiplicidade e oferta de textos” (CAVALCANTE, 2009, p. 5), mas, nesse sentido, também é observável que os modos de consumo são transformados pelas ocorrências externas.

Utilizamos a resposta da Leitora 15 como um modelo que se repete no decorrer das entrevistas, nele, a discente traça um panorama sobre seu percurso leitor onde os três períodos encontram-se bem demarcados, sendo conscientemente notório o paulatino distanciamento:

Sim, em termos de nível de leitura, no ensino médio, pegava bem mais de literatura para fazer minhas leituras de literatura infanto-juvenil. Já durante a graduação eu gostava de ler também, mas eram mais livros relacionados à biblioteconomia, que eu pegava na biblioteca para o cumprimento das disciplinas. Na pós-graduação, foram realmente apenas leituras científicas para as disciplinas.

Contudo, por mais que se tenha resultados expressivos sobre tal distanciamento, o ingresso na universidade é responsável, agora de modo positivo, por uma espécie de maturidade que acomete o sujeito leitor, melhor explicitado pela ideia de desenvolvimento crítico-social (BARRETO; CAVALCANTE, 2016). Em sua fala, a Leitora 11 consegue exemplificar, a partir de sua própria vivência, a maneira como a leitura transita com a finalidade de acompanhar o sujeito, também sendo o sujeito mudado por ela, como em um processo de retroalimentação, ou poderíamos também citar a ação recíproca através do seu desenvolvimento, mesmo que a ideia de uma leitura superior ou inferior, aludida na fala abaixo, seja obsoleta:

Eu costumo dizer que há uma evolução da leitura. Como se você começasse a ler no gibi, depois vai para a revista em quadrinho e da revista em quadrinho para mangá. Existe uma evolução. Comecei lendo leituras mais adolescentes, aí de repente você vai de Harry Potter para Crônicas de Nárnia, assim, a nível de literatura que eu estou falando, de entretenimento... e de repente você está lendo Nietzsche.

De modo geral, as opiniões expressas no decorrer da pesquisa demonstram que o ingresso no ensino superior é responsável por mudanças nas práticas de leitura literária, novamente reafirmando as tendências autodinâmicas do tema. Quando focado a partir da perspectiva da pós-graduação, existe uma visível acentuação dessa tendência, culminada pelas intensivas obrigações em combinação com as demandas ocasionadas pelas esferas profissional e pessoal.

A contradição fica por conta de estarmos trabalhando em ambiente amplamente letrado, talvez um dos mais subordinados às práticas leitoras de modo geral, mas que privilegia um tipo em detrimento do outro. Politzer (1978, p. 74) defende que “uma coisa não é apenas movida por uma força agindo num só sentido, mas toda coisa é realmente movida por duas forças de direções opostas”, aqui representadas pelas categorias que são focadas. Todavia, percebendo o ato em toda sua complexidade, fica explícito que, apesar de estar em um contexto de instabilidade, ainda é possível manter diálogos que enriquecem as experiências vivenciadas, mesmo que um tanto quanto escassas.

4.3 A atuação da pós-graduação na promoção da leitura literária

“Você percebe/identifica algum incentivo ou ação mediacional da leitura nas disciplinas cursadas no mestrado?”

Dentre as perguntas elaboradas, com certeza, estamos diante daquela que causou mais dificuldade em se obter respostas precisas. Diferente da prontidão de opiniões expostas anteriormente, nos foram apresentados resultados que se encontram na fronteira de um perceptível desconforto por parte dos sujeitos da pesquisa, talvez, desencadeado pela natureza insólita do que se estava falando. Na realidade, a maior questão não foi o partidarismo de respostas que versem entre sim ou não, o que existe é uma visão que nega tais ações de mediação, mas percebe alguns traços que podem ser consideradas tipificações vistas como incentivos, mesmo que praticados de modo velado.

As respostas dos sujeitos, portanto, transitam entre a total negação de tais ações, em que o ambiente em pauta não é concebido como fértil para determinados tipos de leituras, e a negação com vestígios de incertezas, na qual se pode notar o esforço por parte do indivíduo em reconhecer no seu cotidiano acadêmico ações que possam ser consideradas pertinentes ao campo do incentivo, contudo, nenhuma que afirme contundentemente tais condutas.

Os sujeitos que correspondem ao primeiro posicionamento reconhecem a existência de um incentivo seletivo, fundamentado tão somente àquelas leituras de cunho científico. A Leitora 12, defende que “[há o estímulo] somente para as disciplinas em si, para os conteúdos das disciplinas. Agora, de entretenimento não”. Acompanhada de tal premissa, a Leitora 14 também reafirma “a gente é mais incentivado a ler as leituras do mestrado, da

pós-graduação. A leitura literária já fica mais de lado". Da mesma forma, a Leitora 8 assevera *"Olha, não. Infelizmente, não. No mestrado a gente é mesmo, basicamente científico, muito científico mesmo"*.

Contudo, nas entrelinhas de algumas réplicas, é possível constatar certa hesitação. Por exemplo, em harmonia com o que se apresentou, a Leitora 9 admite *"Não, embora eu tenha professores que gostam de ler e às vezes comentem 'Ah, li tal livro, é importante', mas não é uma coisa que é trabalhada em paralelo"*. A argumentação do Leitor 2, reproduzida abaixo integralmente, retrata em primeiro momento a hesitação e em seguida aposta em reconhecimento implícito do que pode ser aceito como uma ação de cunho mediacional:

Olha, eu não tenho certeza se há o incentivo à leitura literária, mas há o incentivo à leitura sim. Algumas disciplinas como a de Fundamentos⁹, apesar de ter muitas leituras, elas não cobrem tudo o que um aluno de pós-graduação, eu acho, precisa. Por exemplo, a nossa área, por ser uma área social, eu acho que exige que a gente estude autores clássicos da sociologia, que não são passados na sociologia, mas são incentivados pelos professores. Então eu acho que o incentivo parte daí: da gente buscar outras coisas para além do que a gente estuda aqui. Até para ampliar o nosso olhar sobre nossa área, sobre o nosso objeto de estudo que geralmente puxa para outras áreas também. Então, eu acho que existe sim, não é um incentivo direto, mas são sugestões, perspectivas de mais leituras que a gente recebe.

De acordo com a Leitora 3, é possível notar alguns atributos que assinalam episódios isolados sobre o teor da pergunta. Entretanto, sendo sempre reiterado no curso da conversa que não são mediações fundamentadas culturalmente na instituição, mas recortes que mais aparentam exceções do que atos regulares. Como bem salienta:

Para a literária [incentivo], algumas coisas bem pontuais, mas não necessariamente que indique algum tipo de leitor. Porque o professor cita que já leu alguma coisa aí você, porque tem a ver com o texto, acaba indo atrás. Mas eu não consigo identificar isso, pelo menos não tanto na disciplina do mestrado.

Para além do que se estabeleceu inicialmente sobre as opiniões que versam entre a total negação e a negação com indícios de incentivo, outro fator tornou-se interessante no desenrolar da questão: a forma como os próprios alunos concebem o papel da universidade na fomentação desse tipo de leitura, não sendo atribuídas, muitas vezes, como domínio diretamente acadêmico, mas podendo estar relacionada à atuação de outros campos e

⁹ O aluno se refere à disciplina de Fundamentos Teóricos e Epistemológicos da Ciência da Informação, ministrada no 1º semestre do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará.

equipamentos da universidade. Isso pode ser justificado pela inexistência de uma relação expressa entre a apreensão do conhecimento/desenvolvimento crítico-social com as práticas literárias, motivado pelo fato da literatura inspirar-se no real, mas não se envolver diretamente com ele (BARBOSA, 2009), diferente do que se espera de um conhecimento científico. A fala da Leitora 6, apesar de não ser unanimidade entre os estudantes, evidencia essa percepção quando afirma: *“não acho que seja o papel acadêmico fazer isso pelo aluno [...], mas seria bom para critério de desopilar mesmo, desestressar, fazer alguma coisa por você que você gosta, que não seja só a pesquisa”*.

Em suma, é possível reconhecer a presença da leitura no cotidiano acadêmico. Contudo, contraditoriamente, não se trata de uma cultura arraigada ao contexto universitário da pós-graduação. Isso pode ser inclusive percebido nas falas que reforçam a abstenção da universidade na construção e manutenção dessas práticas. De modo amplo, a instituição acadêmica está localizada em um espaço de leitura, que, apesar de se utilizar dela para garantir a produção do conhecimento, restringe sua atuação àquelas demandadas pelo currículo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início percebemos que, apesar das várias possibilidades de interpretação sobre os temas que cingem a leitura, como apontado na primeira seção, o cunho literário é contundente nas falas dos sujeitos entrevistados, mesmo nos casos em que a prática não é frequente. Esse fato pode ser associado à ampla atuação histórica estabelecida entre leitura e sociedade, o que a torna influente mesmo em espaços onde não é desempenhada com tanta frequência.

No que tange ao seu papel na universidade, a atuação da leitura literária passa por alguns percalços. Como apontado *a priori*, a inclinação em se afastar das obras literárias na graduação ganha força quando se tem o cerne na pós-graduação. As motivações podem ser consideradas similares, mas, obviamente em maior intensidade, justificado, sobretudo, pelas altas demandas exigidas pelos programas de pós-graduação estudados.

O trajeto delineado desde o início da pesquisa de campo tem como roteiro as percepções iniciais sobre conceituações de leitura, mas também seu papel no ensino superior, aferindo assim a atuação em ambientes outrora não mencionados, como a pós-graduação e os meios pelos quais os fenômenos são desencadeados de acordo com as

mudanças de ordem externa e interna. Esse paralelo só é possível a partir de um conhecimento apurado sobre as práticas leitoras, percebendo que não é interessante, para os fins estabelecidos em nossa pesquisa, tratá-la somente de modo pragmático, mas também, em sua subjetividade.

As investigações empreendidas confirmam a tendência já observada na pesquisa inicial, alertando para a necessidade de se fortalecer os vínculos literários, que por vezes tornam-se frágeis com o advento do ingresso nos programas de pós-graduação ilustrados. O estudo, por conseguinte, traça o perfil da leitura nessas ambiências e promove a sustentabilidade necessária para se desenvolver adiante medidas que incentivem e facilitem a relação leitor-leitura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antônio de. Literatura, informação, conhecimento e ciência: considerações a partir da literatura policial. *In*: ALMEIDA, Marco Antônio (org.). **Ciência da Informação e Literatura**. Campinas: Alínea, 2012. p. 91-118.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/01/pdf_9aa58ba510_0007871.pdf. Acesso em: 19 set. 2019.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Leitura, mediação e apropriação da informação. *In*: SANTOS, Jussara Pereira (org.). **A leitura como prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 33-45.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco; BORTOLIN, Sueli. Mediação da informação e da leitura. *In*: SILVA, Terezinha Elisabeth da (org.). **Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2008. p. 67-86.

AURORA NETA, Maria. Leitura, literatura e formação de leitores. *In*: SANTOS, Andrea Pereira dos; GOMES, Suely Henrique de Aquino; CHAVEIRO, Eguimar Felício (org.). **Interfaces da Leitura**. Goiânia: UFG, 2016. p. 95-106.

BARBOSA, Sidney. A literatura e a Ciência da Informação. *In*: SILVA, Helen de Castro; BARROS, Maria Helena Toledo Costa de (org.). **Ciência da Informação: múltiplos diálogos**. Marília: Oficina Universitária Unesp, 2009. p. 77-87.

BARRETO, Damaris de Queiroz; CAVALCANTE, Lídia Eugenia. A leitura literária no contexto da universidade. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIA DA

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

INFORMAÇÃO DA IBERO-AMÉRICA E CARIBE, 10., 2016, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ECI UFMG, 2016. p. 808-827. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1aF3DGV2Lu0DULafVL6dsMHFmCss4Moo7/view>. Acesso em: 19 set. 2019.

BENTES PINTO, Virginia; CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Pesquisa bibliográfica e documental: o fazer científico em construção. *In*: BENTES PINTO, Virginia; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregório; CAVALCANTE, Lidia Eugenia (org.). **Aplicabilidades metodológicas em Ciência da Informação**. Fortaleza: Edições UFC, 2015. p. 11-26.

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul. 2012. 216 p.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Ancib, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 19 set. 2019.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207. 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54>. Acesso em: 19 set. 2019.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Cultura escrita: práticas de leitura e do impresso. **Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. esp., p. 1-12, 2009. Disponível em: <https://goo.gl/dXRNiX>. Acesso em: 19 set. 2019.

CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman; BORTOLIN, Sueli; BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Competência em informação e a recepção do texto literário e informacional. *In*: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2013, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2013. p. 61-76. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2013/secin2013/paper/viewFile/147/68>. Acesso em: 19 set. 2019.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED, 2001. 189 p.

DUMONT, Ligia Maria Moreira. Os múltiplos aspectos e interfaces da leitura. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, 2002. Disponível em: <http://afro.culturadigital.br/wp-content/uploads/2017/10/Artigo-21.pdf>. Acesso em: 19 set. 2019.

DUMONT, Ligia Maria Moreira. Leitura, via de acesso ao conhecimento: algumas reflexões. *In*: SANTOS, Jussara Pereira (org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 65-76.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/confirme>. Acesso em: 19 set. 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 8. ed. São Paulo: Cortez. 1984.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação. *In*: FUJITA, M.; MARTELETO, R.; LARA, M. (org.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008. p. 19-34.

HJORLAND, Birger. Domain analysis in information science. **Journal of Documentation**, Londres, v. 58, n. 4, 2002, p. 122-162.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**. São Paulo: Editora 34, 2009. 192 p.

PINHEIRO, Alexandra Santos. O ensino da literatura: a questão do letramento literário. *In*: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos; LEAL, Rosa Myriam Avellaneda (org.). **Leitura e Escrita na América Latina: Teoria e prática de letramento(s)**. Dourados: UFGD. 2011. p. 37-58.

POLITZER, Georges. **Princípios elementares da Filosofia**. Lisboa: Editora Prelo, 1978.

PONTE, José Camelo. **Leitura: identidade & inserção social**. São Paulo: Paulus, 2007. 125 p.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto**. Série Ideias, n.13, 1994. Disponível em: <https://goo.gl/s6mWm4>. Acesso em: 19 set. 2019.

SHERA, Jesse. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 09-12, 1977.

WALKER, Alice. **A cor púrpura**. São Paulo: José Olympio. 2009. 336 p.

ZAGO, Luis Henrique. O método dialético e a análise do real. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 54, n. 127, p. 109-124. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2013000100006. Acesso em: 19 set 2019.